

Boletim

I SÉRIE

30
DE
JUNHO
DE
1948

ANO I N.º 12

PREÇO 2500

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:
ARQ. JERÓNIMO REIS

REDADORES:

ANTÓNIO GAIO
CARLOS P. MORAIS

DIRECTOR

HIGINO AUGUSTO PIRES

PROPRIEDADE

DA

A. A. E.
(SECÇÃO CULTURAL)

COMPOSTO E IMPRESSO

TIP. PROGRESSO
— ESPINHO —

ADMINISTRADOR:
JOAQUIM DO SOUTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (Provisória): Rua 11-483 — ESPINHO

PUBLICA-SE MENSALMENTE

PEÇO A PALAVRA...

Erralhas. E' uma coisa velha, bem sei. E' uma coisa que arrelia mas que tem desculpa. Agora quando as coisas são truncadas, estropiadas revelando muita falta de atençãõ ou muita pressa, quando tudo sai torto, com ar de alucinação — então já o autor se julga no direito de fazer sentir aos revisores o seu aborrecimento.

Mas, amigos, se o autor só envia os originais à última hora, a questão adquire outro aspecto. E' ele o único culpado.

No último "Boletim" só eu mereço crítica: enviei o original quando o tempo escasseava. Desta vez a mesma coisa. Não tenho que reclamar!

*
* *

Em Espinho é assim:—quando se tem "a faca e o queijo na mão", é simples andar para diante, cortar torto e a direito — em regra a torto—e seguir impávido, como um penedo segue o seu destino. O que é, às vezes, não dão conta de que a faca tem dois gumes.

*
* *

Hoje, amigos, é a Mentira. A Mentira a encher todos os recantos do espírito simples e bom do homem comum. E' a Mentira injectada por todas as vias e por todos os processos. E' a Mentira no Desporto; é a Mentira pela Rádio; é a Mentira por todos os meios e por todos os poros.

No fim: Mentira e Lama; Ridículo e Podre.

Kim

EDITORIAL

Espinho e a Empresa ESPINHO - PRAIA

Em consequência da publicação do novo decreto-lei que altera fundamentalmente o regime de tributação e fiscalização dos jogos de azar, e o pretexto de uma decisão ministerial sobre uma discordância entre a empresa do «Teatro S. Pedro» e a Empresa Espinho-Praia suscitou-se em Espinho um movimento ondulatório e impreciso pelo choque que tais assuntos produziram na opinião dos seus habitantes, preocupados — por defeito — com outros assuntos de menor valia.

Fiel ao seu lema de não tomar posições antes de completo e legal esclarecimento dos casos, não podemos, no entanto, deixar de expôr certos factos por força do cumprimento de um dever de bairrismo de que não podemos desligar-nos.

E como vamos *expor*, fica imediatamente posta de parte qualquer noção errada de que o Boletim é «pró-S. Pedro» ou «anti-Empresa Espinho-Praia». Bastará atender que o «Boletim» pertence à Ass. Académica local pelo que sendo uma das forças *vivas* de Espinho, terá de ser, única e exclusivamente, «Pró-Espinho»

E posto isto entremos no assunto. A opinião pública de Espinho esteve sempre dividida no que respeita às vantagens e favores da Empresa concessionária actual para com a sua terra. Essa divisão compreendia e compreende os que beneficiam directamente do Casino e os que nada auferem senão um pouco de diversão e entretenimento, que dizem, poderia ser canalizado para outras diversões, sem a obrigatoriedade dos jogos de azar estarem ligados a essas organizações de turismo. Tem de entender-se normal esta divisão de opiniões visto que cada cabeça tem sua sentença. Mas se esta liberdade de opinião se deve respeitar, até certos limites, ela tem que ser devidamente filtrada quando novas bases venham ao nosso conhecimento, ou quando se verifique manifesto prejuízo dos interesses gerais de Espinho e da sua gente. Que interessa aos espinhenses que meia dúzia dos seus filhos aufiram pingues lucros, se genericamente existe prejuízo para outros e, o que é mais importante, para o progresso da sua terra. Não se pode humanamente exigir que Espinho seja melhorado sobre a miséria dos seus habitantes, ou sobre as necessidades reais (ou ambiciosas) de um grupo comercial de exploração do jôgo, anteriormente em regime de comércio legal, presentemente como actividade comercial tolerada.

De há muitos anos para cá a exploração dos jogos de azar tem sido, para as terras onde ela pode exercer-se, manancial de desenvolvimento e progresso.

Continua na pág 3

MARÉS VIVAS

Referenduns

O nosso jornal que, sob o ponto de vista bairrista e regional, não vive acorrentado a facções de qualquer espécie e que também se não agarra a ganhos materiais através da elasticidade cómoda do elogio «ad hoc» e ao *domicílio*, pode vir, depois do competente e indispensável treino, a ocupar proeminente lugar na opinião pública e privada dos nossos conterrâneos. E embora se tenha verificado, pelo menos na opinião privada, que o «Boletim» tem atingido a paridade de opiniões com a boa opinião dos espinhenses de gema, ainda não estamos de todo satisfeitos.

Essa insatisfação não se refere ao público, mas sim ao nosso próprio trabalho, visto considerarmos susceptível de melhoria obra a que nos votamos. O nosso afã, até ao momento, filiou-se, basicamente, num pouco de bom senso e algum espírito de observação aliados a determinada independência. Consideramos, porém, essencial, para a expansão do «Boletim» e consequente aumento dos serviços que ele presta a Espinho e ao clube, que a continuidade da sua publicação, até hoje sem quebra, nos permita criar um corpo directorial e redactorial de «maioridade» e um grupo de colaboradores perfeitamente integrados nas suas funções. Perante este modo de pensar, que constitui a nossa doutrina, não é de estranhar que sejamos exigentes no sentido mais amplo do vocábulo, visto que a nossa intransigência viu de dentro para fora, isto é, começa por nós próprios. Assim, e mau grado nos considerarmos imperfeitos, em relação à função importante que a publicação de um jornal envolve, supomos poder transmitir aos vindouros um órgão independente na defesa dos altos interesses de Espinho, do Desporto Nacional e da Associação Académica local.

Gino Serpi

VISADO PELA CENSURA

PRIMEIRA FILA

Continuado da pág. 4

Estar ou não estar nos cafés, eis a questão

—«Que isto de estar uma senhora no café» — como diria o camarada Pepe, é um caso muito sério.

Mas vamos ao que importa. Parece que a moda das senhoras de Espinho írem passar o seu tempo para os cafés está alastrando como azeite tombado sobre o tampo brunido duma mesa, e isso causa engulhos a muita gente — engulhos com que me permito não concordar. Eu acho até que os cafés só deviam ser frequentados por madamas respeitadas e maduras, a um lado, e por raparigas frescas e galantes do outro lado. Quanto aos homens, casa com eles! Que tem um barbado que fazer no Café? Ora bolas! E censuram as pobres das senhoras que vão para o café trabalhar, fazer o seu (delas) tricot; as suas rendas; os seus bordados!... E que ainda por cima têm a tarefa de cortar na casa de quem passa!... e de quem pobres senhoras!...

Isto dizia eu esta manhã a um respeitável senhor — um dos tais que não concordam — e pouco faltou para que o respeitável senhor me desse uma tarefa. E saiu-se com esta, o tipo: — Fique você sabendo que toda gente de senso comenta, de forma pouco lisonjeira, aquilo que você classifica de chic, de normal, de ultra-moderno!...

— Não creio, disse eu. Não acredito.

— Pois pode acreditar. Há dias foi uma senhora brasileira, que se encontra de passagem em Espinho, que teve este remoque: — Então aquelas mulheres não têm que fazer em casa?

Respondi imediatamente, em defesa das minhas conterrâneas:

— Uma basófia, sem lógica e sem educação! Que tem qualquer senhora brasileira, ou patagónia, com as lindas mulheres da nossa terra?

— Ora não seja parvo — disse o senhor respeitável. Essa senhora brasileira é uma senhora educada, e que vê ao longe, percebeu? E reparo que até os parolos das aldeias são mordazes a tal respeito. Na segunda-feira passada ouvi um rapazola boçal, destes que vem à feira com a namorada, este comentário que parece de Eça de Queirós — Eh pá! Os cafés de Espinho agora parecem «atúlieros» de senhoras! Olha p'ra misto, pá!...

— Uma cretinice de aldeão, respondi.

O rapazola boçal que podia dizer mais, meu caro senhor? Ora bolas. O Senhor respeitável ia-me matando.

Pedro Manuel

EM JULHO

Número especial, comemorativo do Primeiro Aniversário do «BOLETIM»

UM POUCO DE BOM HUMOR

CONTO DOIDO

(Proibido a oficiais da reserva e desempregados)

O meu amigo Catolino possui uma grave inteligência e uma colecção de moedas raríssimas de meio tostão e dez escudos. Encontramo-nos o outro dia. Falamos.

O mundo está de cócoras, afirmou-me Catolino, olhando embezzerrado o cavalo de D. Pedro IV. O meu amigo tem lido os jornais? E' evidente que tem. Pois eu desisti.

E fixou o seu olhar luminoso numa couve-penca que uma senhora levava numa cesta aberta. — Agora lêio Confucio, Buda, Xenofonte e outros filósofos chineses.

A filosofia é admirável. E' admirável, repito-lhe.

E pôs-se a admirar um relógio na montra duma ourivesaria.

— A filosofia chinesa enton-tece-nos. O conceito do número digito ofusca-nos e desmaterializa-nos. O Cosmos perde a forma, amorfisa-se, desintegra-se. O filósofo moderno pensa que a desintegração é ideia nova. Que erro, meu amigo, que erro! Li, filósofo chinês do séc. I, falava de átomos como hoje se discute política, isto é com a máxima facilidade.

Você conhece a minha mulher! A sua beleza está na razão inversa com o seu intellecto. Lembre-se que foi Miss Vénus 1939. Pois até ela discute políticas e fala de Marx como quem fala do tio, que é general e me deve 250\$00.

Na opinião da minha mulher o mundo está dividido em 2 blocos. Neste ponto ela não me deu novidade nenhuma e não é preciso ler Marx para se concluir que há 2 espécies de homens: os que têm casa e os que não têm. O problema do Lar é histórico.

Você tem ouvido falar nas cavernas? Pois a minha prima Teresa está com duas cavernas e nem a estrepotomicina a salva. Pelos meus cálculos ela não dura dois meses. Mas a minha sogra — que tem cálculos no fígado — dá-lhe 3 meses de vida. O médico cala-se para não se meter na discussão mas vai metendo a conta, com um ar de sabichorro.

Uma conta de clínico é uma dívida facultativa e portanto não a pago.

Na minha opinião o tratamento do mal que avassala o mundo está em não lhe ligar importância. Resolvi por isso deixar de ler os jornais e ouvir as opiniões da minha mulher às quais nunca liguei importância.

No entanto dou-lhe um conselho de amigo: Não vá ao cinema. O cinema faz-nos viver no sonho. O que você precisa é um látigo psíquico.

Leia os filósofos chineses. Magistrais, humanos, enormes. Mas leia-os na origem, leia-os na origem, digo-lho eu.

— Mas eu não sei chinês, confessei contristado.

— Não sabe? E você pensa que eu sei? O que seria para mim o chinês se não fosse chinês para mim. O meu dote é adivinhar o que significam aqueles rabiscos sem nexo e sem sentido. Os chineses são profundamente humoristas. Ache-lhes um piadão. Nem faz ideia. Só a eles é que lhes pode passar pela ideia que alguém perceba aqueles informes caracteres. Mas leia-os. E' uma cura pelo espirito. São de escachar. São de escachar...

E foi-se, pela rua Sá da Bandeira, sorridente deixando-me atônito e espantado.

Pepino Régio

Toiros e Toiradas MINIATURAS

Continuado da pág. 8

de que não chova nem haja muito pó? os outros vão lá sempre, porque ir á tourada é bonito — pelo menos por este lado — e a eles tanto lhes importa que a proporção dos elementos componentes seja a favor duns como dos outros.

Entendemos por isto mesmo, que á confecção dos cartazes deve presidir sempre um certo bom senso e pundonor, para que não se possam fazer maus juízos...

De tradição lá tínhamos uma corrida só de cavaleiros no final da temporada. Nesta, entramos logo com uma idêntica, a outra será no final e se não houver mais nenhuma com tais características já não é nada mau!

E não se podem alegar razões de ordem monetária, atribuíveis aos matores de touros, pois basta analisar o cartaz duma das últimas de Vila-Franca, o preço das localidades e também atender á lotação da dita praça...

Paquito

O BOI TACITURNO

Continuado da pág. 3

Bem tivera razão o antigo mestre ao profetizar o interesse da humanidade pela actividade espiritual do aluno que aliava ao enorme físico uma forte estatura intelectual.

Não foi longa a vida do sábio da «Summa Theologica» e de «Quaestiones disputatae» e «Liber de causis», pois morreu com menos de 50 anos no ano de 1274.

Foi num dia agreste de inverno que acabou as seus dias o filósofo que deveria ser santo, mas, ao cerrarem-se, aqueles olhos grandes, profundos e sonhadores devem ter visto um dia alegre e colorido de primavera, pois era chegado o momento de conhecer o mundo que sonhara e defendera.

Nuno Rangel



Da realidade no Cinema

No cinema procuramos a distração, através do riso, do conflito sentimental ou da harmonia e côr da apoteose musical. E encontramos na distração que advém da imagem servida pela mistura — ritmo, côr e som, um meio de fugir dos nossos problemas sucede muitas vezes que, acabado o cinema, diversas emoções permanecem no nosso espirito, tão forte foi a sugestão recebida. Então, temos de reconhecer no cinema, poderosa força capaz de operar modificações na nossa orientação, podendo até, conforme a evolução do argumento do filme, alterar a compreensão da realidade. Mas, como esta é só uma, sempre igual e inflexível, vemos aqueles que, erradamente, ousaram criar um mundo pessoal e diferente, e no desespero e na dor, esmagados pela brutalidade da verdade ou mentira (escolho a dúvida para evitar a discussão) da existência.

Perante tamanha influência, a cinematografia só será aceitável, orientando a sua acção de modo que através da caricatura e da sátira possa contribuir para o melhoramento duma sociedade defeituosa.

E se podemos tolerar a série de filmes policiaes e de aventuras em que o mal é sempre castigado, embora na realidade o castigo algumas vezes seja distante, devemos criticar aqueles que, dispondo de bons temas, atraioam o desenvolvimento natural das coisas e esquecem a crueza da vida, sòmente para conseguir um remate agradável a um público comodista que não gosta de pensar. E' certo que o gosto do público pelos fins agradáveis deriva da louvável aspiração de ver a realidade conforme ela devia ser, mas também não é menos verdade que muitos querem trazer, isoladamente, para fora da sala de espectáculos a realidade desejada, e então surge o choque, com todas as consequências. Pode suceder que estas passem despercebidas à maioria e não determinem casos insolúveis, mas temos de considerar as responsabilidades duma arte que atraioa a sua missão se se utiliza da mentira, condescendendo com uma sociedade egoísta e diligente em esconder as suas fraquezas.

Dentro desta maneira de encarar o cinema, e apreciada a dependência dos valores — quantidade e qualidade, o filme Europeu é superior ao Americano. De facto, analisando a verdade e a humanidade existentes, em elevado grau, no cinema Europeu e tudo o que há de convencional e

Continua na pág. 4



O Boi Taciturno

Era grande, forte, com uns olhos doces, e mansos iluminando uma face bondosa e calma.

Durante as discussões que surgiam nas aulas mantinha-se calado, extático e parecia distante com os olhos absortos, fitos em horizontes só dele conhecidos. Alheio às lutas que se travavam entre o mestre e os alunos, aquele dispondo de enorme ciência e estes ávidos de sabedoria e sempre prontos a brilhar, alimentando dúvidas e alardeando erudição e inteligência, ele tornava-se modesto e humilde. Diante tamanho corpanzil e tão estranho comportamento, índice, talvez, duma débil compleição intelectual, os frades companheiros chamavam-lhe o «Boi Taciturno».

Mas um dia o Mestre, Alberto Magno, suspeitou da aparência melancólica e reservada daquele aluno que passaria despercebido se não fôra o físico que o distinguia, e quiz saber dos mundos que uns olhos profundos e sonhadores conheciam. Chamou-o à sua cela e com ele falou, por longo tempo, de teologia, metafísica e lógica. No outro dia, na aula, perante o pânico dos alunos, disse — «Vocês chamam «Boi Taciturno» ao nosso irmão Tomás mas eu digo-vos que, algum dia, o mundo inteiro dará atenção aos seus mugidos».

E assim sucedeu.

Acabados os seus estudos, Tomás de Aquino, em breve tempo foi nomeado professor de religião na Universidade de Paris. Tinha, então, trinta e três anos e tomara o hábito negro de monge. Os contemporâneos foram obrigados a reconhecer no enorme frade um cérebro gigante, uma autoridade profunda em filosofia e especialmente na lógica.

Inúmeros alunos acorriam a ouvir as suas convicções filosóficas, de certo modo revolucionárias. Empenhava-se Tomás de Aquino em justificar racionalmente os princípios básicos da religião, ciente de que não bastava só acreditar. Era preciso dar à fé novas forças que a ajudassem a vencer nos momentos de crise. Desta preocupação é de longos anos de meditação, nasceu a filosofia do cristianismo, a grandiosa «Summa Theologica». Nesta obra, toda assente na mais pura lógica, são tratadas, admiravelmente, a existência de Deus e a sua suprema bondade, a natureza da felicidade e o problema do mal. Debruçado sobre a alma humana, conhecedor das suas fraquezas, esclarece-lhe as dúvidas e traça com racional precisão o seu caminho.

Será escusado frisar a repercussão que teve nos homens do tempo, e obra daquele monge sempre pensativo e melancólico, sempre ausente no mundo da filosofia.

Continua na pág. 2

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



O J. Gonçalves vai ser novamente convocado para a Seleção do Norte.

Em voleibol e em hoquei patinado têm aparecido muitos castigos o que demonstra estar o desporto ainda longe do lugar que lhe compete, pelo pouco civismo dos praticantes.

As equipas de oquei em campo da Académica e do Vilanovense vão realizar jogos de propaganda em Aveiro e Viseu.

O assunto referente ao jogo com o L'Air Liquide — que sempre vai disputar o campeonato corporativo — foi tirado a «Feros»...

O caso do jogo entre a Académica e o Académico que não acabou dentro do tempo regulamentar vai passar a chamar-se uma «Sinfonia Completa» de indecisões...

O Académico vai ser diplomado pela esperteza demonstrada, que a ser julgada «au point» acabaria em esperteza salaia...

Alguns jogadores do Sporting andam entre duas águas: a água que os «anteriores» já meteram e que os «actuais» estão a meter...

O clássico nevoeiro londrino ande a pairar sobre os ares da Associação de Patinação do Norte...

Nos últimos resultados alcançados pelo Infante de Sagres sobre a Académica de Espinho se verificou mais uma vez a «Mala Pata» desta colectividade frente aquela...

O castigo dado pela A. P. N. ao atleta espinhense Alberto Alves foi aplicado de ânimo leve...

O grupo de voleibol da Académica anda assustado com o papão do «Jogo de Passagem»...

Na impossibilidade de assistirmos a um torneio de tiro aos pombos ou aos pratos, vamos ter um torneio de «Tiro aos Patos» organizado pela Comissão Pró Futebol...

A adaptação de um dos courts de law-tennis a campo de basquetebol e voleibol é um problema transcendente demais para certos técnicos...

O Mário Neves pescou um robalo de três metros e meio e há fotografia do caso...

EDITORIAL

Continuado da pág. 1

Essas melhorias são de diversas espécies. As melhorias derivadas da concorrência, que por vício, frequenta essas localidades, onde deixa ficar no comércio parte choruda dos seus ganhos ou pelo menos os gastos indispensáveis de estadia e as benesses que a localidade auferir directamente do Turismo independente é das realizações, melhoramentos e iniciativas das empresas concessionárias do jogo. E' claro que no caso de Espinho, não poderá afirmar-se que o seu desenvolvimento e progresso se deve a uma zona de jogo, mas sim que esse facto apressou talvez o seu desenvolvimento industrial que está iniludivelmente fora da esfera de influências da exploração do jogo. Donde se poderia concluir que a Empresa-Espinho-Praia contribuiu muito para o progresso de Espinho apenas por ter aberto uma entrada para as salas do seu Casino.

Orá, dir-se-á, esta conclusão também não está certa. A empresa E. P. não abriu só a porta. A empresa E. P. também algumas vezes abriu a bolsa. Também é verdade. Mas onde está uma obra de vulto que tenha sido feita sem a imposição da lei, ou qual a verba notável dispendida sem que tenha havido a pressão da benemerência ou dos indivíduos que a formulam?

E já que se fala em lei, terá a Empresa E. P. cumprido a risca o que lhe foi determinado pela lei? Se não cumpriu ainda pode cumprir, dirão, porque faltam 10 longos anos para o tempo da concessão.

E, se assim suceder, ainda se pode afirmar que o cumprimento da lei no fim da concessão demonstra pouco amor ao que Espinho merecia, visto que durante anos e anos se sentiu notoriamente a falta desses melhoramentos.

Terá havido pouca persistência dos anteriores dirigentes do concelho? Haveria pouca disposição nas esferas directivas e fiscalizadoras das zonas de jogo, para fazer cumprir a lei, tal como agora se pode depreender pelos decretos e despachos do actual Ministro do Interior? Estaremos nós em campo errado? Tudo é possível.

Vamos tentar em próximos artigos responder a algumas das perguntas.

Higino Augusto Pires

Crítica Social

APELO à Verdade

E' tempo já de se respeitar a verdade.

Há dois mil anos que se escreve, e há dois mil anos que impera a adulação.

Poetas, escritores, jornalistas e historiadores, tudo é cúmplice deste crime.

Poucos escritores há que não nos forcem a corar de vergonha; poucos livros há donde não tenhamos que arrancar mentiras.

Os «Quatro Séculos das Artes», monumentos de génio, são também monumentos de baixesa.

Que um quinto surja, e que esse seja o da verdade.

A lisonja, em todos os séculos a baniu das côrtes; a molesa dos nossos costumes banuiu-a das nossas sociedades; o pavôr repele-a dos nossos corações, quando ela aí quer descer.

Oh escritores? que ela tenha um abrigo nas vossas obras; que cada um de vós faça o juramento de não mais liosongear, de não mais enganar, de não mais mistificar.

Antes de louvar um homem, interrogai a sua vida; antes de louvar o poder, interrogai o vosso coração. Se esperais, se temeis, sereis vós.

Estais destinados pelos vossos talentos à glória; lembrai-vos que cada linha que escreverdes, não mais se apagará; mostrai-a, pois, autenticamente à posteridade que vos há-de ler e tremei que após vos ter lido, não desvie o olhar com desprezo.

Não. O génio não foi feito para traficar com a mentira, com a fortuna. Há no seu coração não sei o quê, que se indigna com uma fraqueza, e a sua grandeza não pode aviltar-se sem remorsos.

Julgar todas as coisas, apreciar a vida, contrabalançar o temôr e a esperança, ver o interesse dos homens e das sociedades, instruir-se pelos séculos e instruir o seu; distribuir na terra a glória e a vergonha, e fazer esta partilha como a justiça e a consciência a fariam, eis a sua função; que cada uma das suas palavras seja sagrada, e que o seu silêncio mesmo inspire o respeito e se assemelhe algumas vezes à justiça.

Um conquistador que amava a Glória, mais ávido de fama que justo, admirava-se de que um homem virtuoso, que toda a gente respeitava, não falasse nunca dele.

Um dia perguntou-lhe:

— Porquê é que, disse ele, os homens mais sábios do meu império nada dizem sobre as minhas conquistas?

— Príncipe, respondeu o velho, os sábios dos séculos seguintes o dirão à posteridade.

E retirou-se.

Porto, 17 de Junho de 1948

Duarte de Vilhena Gusmão

Lêde, assina e propagai

BOLETIM

VÉNIAS E IRREVERÊNCIAS

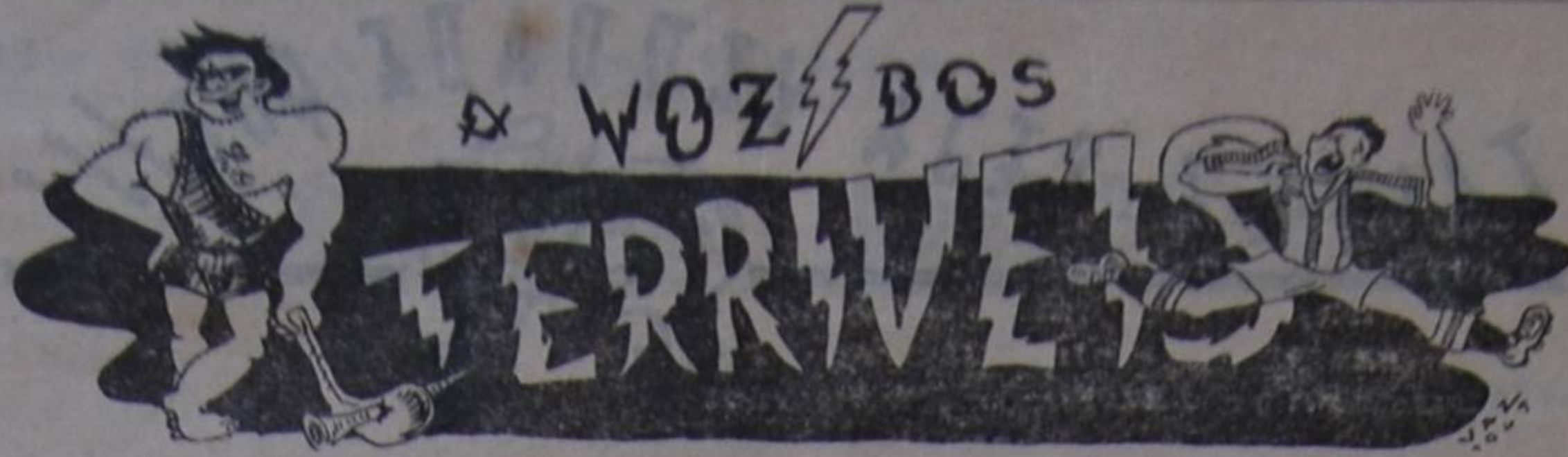
Cretinices
e Calísticas

Espinho, uma terra nova, de largos horizontes futuros, está a «amassar» a sua formação. E' evidente que a situação embrionária acarreta diversas incongruências baseadas nas divisões de classe, ou de haveres, nas diferenças étnicas e espirituais dos seus habitantes. Por ser nova, a terra acolhe e desenvolve-se por via da fixação de indivíduos e famílias das mais diversas condições e procedências, que apesar do «verniz» de que se revestem não passam contudo, genéricamente, de aves de arribação tentando construir o seu ninho em terra de promessa.

E' claro e indesmentível que os 11.000 habitantes de Espinho formam um heterogéneo aglomerado, onde sobressaem diversos espécimens, vivendo na época balnear uma vida fictícia que se repercute durante os meses de inverno. Todos nós conhecemos aqueles que, no verão, se divorciam e afastam das «intimidades» creadas e sustentadas com os companheiros de inverno, para se pavonearem com companhias, algumas vezes realmente acolhedoras e superiores, mas também, muitas vezes, de superioridade, bastante duvidosa. Convém notar que admitimos o direito que a todos assiste de procederem lhes aprouver pelo que o «apunte» que aqui se faz, apenas tem a intenção de anotação e não de crítica. O registo tende sim a exemplificar a dissociação da família espinhense, o que justifica, por força da condição essencial da diversidade de origens, a incompatibilidade entre os diversos grupos ou camadas que se apontam mutuamente de verídicos representantes da elite espinhense. Tudo são elites, nesta fecunda terra de maledicências e mexericos. O grupo A (elite dos haveres) impera pela arrogância cretina. O grupo B (elite burocrática dos funcionários públicos) impera num mundo de paladinhas nas lombadas prenes de calistice.

O grupo C (elite da aristocracia) existe só nas aparências de várias dúzias de enfatuados. O grupo D (elite dos intelectuais) olha, sobranceiramente, o mundo mesquinho a seus pés... Do grupo E (elites políticas) nem é bom falar... Em suma um somatório de parvas divisões que têm manifestamente, prejudicado o progresso e desenvolvimento de Espinho.

A existência das verdadeiras elites entre a população fixa de Espinho, não torna obrigatório que os seus componentes se entrettenham a deprimir-se ou a combater-se com a calúnia e a insídia, mas sim acitarem-se e completarem-se, respeitando a situação de cada grupo social com a consciência de que todos têm as suas funções sociais e bairristas a cumprir.



Pontos nos iii...

Apesar de convenientemente esclarecido o papel do «Boletim da Ass. A. de Espinho» em relação não só aos interesses gerais de Espinho — de que não podemos alhear-nos como também aos interesses clubistas culturais, recreativos, sociais, beneficentes e desportivos, aparece por vezes um «esquecimento» voluntário de alguns indivíduos acerca das afirmações feitas, tendentes a lançar confusão. Ora nós já conhecemos o processo de iludir a verdade, para à sombra da confusão se arranjar a todo o custo uma saída airosa. Há também quem ouse insinuar inconsistentes ameaças para tentar calar as verdades que, vivendo em cheio o objectivo, incomodam visivelmente os atingidos.

Se tudo o que no «Boletim» se incluir é da responsabilidade legal da Ass. Académica, proprietária da publicação, não se pode inferir daí que os artigos tragam o selo das resoluções da Direcção que, única exclusiva e estatutariamente, representam as atitudes oficiais do clube. E' pois evidente que o «Boletim» pode atacar não só os assuntos que lhe são permitidos por lei à face do Estatuto, como inclusivamente a própria gerência do clube se houver caso disso ou se justifique qualquer crítica. Assim se conclui que há independência e plenos poderes na Direcção do «Boletim», que não arrasta a opinião oficial do clube. Em resumo as Ass. Regionais, clubes ou outras entidades que forem apontadas não devem misturar «alhos com bogalhos» para serem evitadas possíveis quesílias ou incompreensões...

O Turismo e a árvore

E' sobejamente conhecido que a árvore é notável factor subsidiário para o bom aspecto turístico de qualquer estância de recreio ou descanso. Por conhecer esse facto a Camara Municipal resolveu — e muito bem — arborizar muitas ruas da nossa vila e ajardinar todos os recantos merecedores da magra verba disponível para esse fim. Temos assim prova de que a nossa edi-

Os néscios e cretinos, os vilipendiosos e os «tartufos» não pertencem às outras classes. Pertencem a todas, visto que, em Espinho, as características dos virtuosos com as «qualidades» citadas se encontram em todas as classes, por mais numerosas e diferenciadas que elas sejam.

O que se torna preciso para que Espinho prossiga na onda de renovação porque está a passar, é que os seus filhos, adoptivos ou naturais, se compenetrem de que é preciso por de parte as origens ou castas, lembrando-se sómente do que deles Espinho precisa e exige.

lidade vota o melhor do seu esforço ao embelezamento de Espinho por intermédio da árvore e da flôr. Acontece, porém, que duas das palmeiras da Avenida 8 foram retiradas sem que — à primeira vista — se veja justificação para a resolução, exactamente porque é conhecida a disposição camarária em promover o embelezamento de Espinho sobre todos os aspectos. E para maior ebulição da opinião pública, dizem os «mentideros» que há boatos, de várias fontes, afirmando que vai continuar o corte das palmeiras...

Em nossa modesta opinião, ou existe motivo de peso tendente a justificar o (corte), ou há apenas o defeito de se ferver em pouca água, visto que as acções do pelouro respectivo, nos dão a certeza de que, com o deliberado desaparecimento das duas palmeiras, não houve o desejo de se por a descoberto o edifício das «necessidades privadas» que a C. P. construiu sem a intenção de lhe serem dedicadas tão altas honrarias.

Influências marítimas

O mar tem efeitos curiosos nas pessoas. Assim, quando se enfurece e galga todos os obstáculos numa ânsia imparável de destruição, os nervos da gente agitam-se, produzindo estados intempestivos de energia e acção; em contrapartida quando o mar se recolhe à comodidade pacata e sonolenta de lamber com mansidão as areias da praia, os espíritos perdem vivacidade, os músculos embotam, derretem-se energias.

Vem isto a propósito das obras de defesa da nossa praia que, após um início rápido e prometedor, se têm arrastado ultimamente com lentidão incompreensível. Desconhecemos as razões do facto mas registamo-lo por estranho que é. Assim, teremos obras para muito tempo.

Resta-nos, pelo menos, a consolação de que daqui a uns anos teremos obra a seada e segura para satisfação dos bem intencionados e raiva dos «técnicos» de trazer por casa.

Boncada Animada

Continuado da pág. 2

de comercial no Americano, somos forçados a ver no Europeu o melhor e o verdadeiro cinema

Mas como a nossa intenção não é a de defender ou atacar esta ou aquela indústria, apresentando razões para uma escolha definitiva, e simplesmente a de frisar o papel e a importância da realidade no cinema, o que já fizemos, embora imprecisamente, terminamos, crentes de ter contribuído para a separação definida do mau e do bom dentro do melhor conceito da missão do cinema.

Silveu

PRIMEIRA
FILASINFONIA
de Abertura

Veio a Espinho, há dias, o Orfeão do Porto, agrupamento artístico que tem por regente o maestro Filinto Nina — um regente que conquistou as maiores simpatias no público do Norte, mercê da devoção com que se tem dedicado ao desenvolvimento dos grupos corais.

O Orfeão do Porto agradou plenamente, como era de esperar, e eu refiro-me ao caso apenas para registar o gosto que o público de Espinho vai manifestando por esta qualidade de espectáculos, e para lamentar que o nosso Mário Neves, a quem sobejam saber, talento e vontade, não esteja aí também à frente de um Orfeão de Espinho, mas um Orfeão a valer, como foi o de seu pai, e como foi o do dr. Clemente Ramos, há 25 anos, segundo dizem os velhos, nanja eu.

E a propósito ocorre-me o que se está passando com as Pequenas Cantoras do Postigo do Sol, uma realização artística que se deve ao grande Maestro Virgílio Pereira — um Maestro com maiúscula, um artista de garra invulgar que conseguiu o milagre de juntar as mais pequenas cantoras da Península e fazer delas umas grandes artistas que poderiam apresentar-se, sem receio, nas grandes cidades do Mundo, honrando a sua terra e o seu carinhoso mestre e amigo.

As pequenas cantoras do Postigo do Sol estiveram ultimamente em Lisboa, onde deram uma série de recitas que deslumbraram o público e a crítica da capital. Em Lisboa desconhecia-se quasi a existência deste grupo infantil do Porto mas especialmente o que ali se desconhecia em absoluto era o seu valor artístico.

Foi uma revelação e um deslumbramento. Vergílio Pereira — para quem vai um abraço muito apertado e muito do coração — teve na capital a apoteótica consagração que merecia, quer pelo seu talento de superior e requintado quilate, quer pelo carinho paternal com que educa as pequeninas artistas, elevando-as, em conjunto, ao nível artístico dos mais famosos grupos corais de qualquer parte do Mundo.

Mas o que eu queria dizer não era só isto, que não passa de um acto de justiça, puro e desinteressado. O que eu queria dizer era que pensassem os Bombeiros Voluntários de Espinho, a própria Associação Académica — enfim, alguém que nisso possa interessar-se materialmente — em trazer ao Teatro S. Pedro, num dos meses próximos, as Pequenas cantoras do Postigo do Sol.

Aqui fica a ideia, cuja realização me proponho auxiliar na medida das minhas forças, se de mim necessitarem para tal fim.

Continua na pág. 2

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

ISTO VAI MAL...

Por falta de formação desportiva verificam-se frequentemente em diversas facetas da actividade desportiva deficiências estranhas e pouco louváveis que urge destruir. Não escapa, infelizmente, a isso o nosso clube do qual têm saído magníficos exemplos de desportivismo e amor clubista.

Por falta de noção dos seus deveres, teimosia e criancice, alguns atletas de certa e discutida secção veem, perante a impotência e debilidade dos dirigentes responsáveis, criando dificuldades técnicas e morais ao club. Caprichos pueris e comodistas, atitudes irreflexivas, falta de compreensão mútua, inconsciência do papel que a cada um cabe dentro da esfera do club proporcionam espectáculos desagradáveis a estranhos e aos da casa em prejuízo manifesto do bom nome do clube cuja manutenção muitos sacrifícios impõem de há dez anos para cá.

Torna-se necessário que todos, sem excepção, se compenetrem dos seus deveres, unindo-se e ajudando-se mutuamente, deitando ao esquecimento questões inúteis de supremacias técnicas ou atléticas individuais, comodidades injustificadas, brincadeiras prejudiciais e extemporâneas.

A Académica merece essa rectificação de atitudes e exige-a mesmo. Ao atletas e dirigentes cabe a tarefa de o conseguir por meio de colaboração estreita e desprovida de ressentimentos mesquinhos e egoísmos reprováveis.

E' tempo de arrear caminho, porque isto vai mal...

P. M.

Futebol

Écos da ida do S. C. Espinho a Chaves
Um bom espinhense e excelente desportista

Aquando da deslocação do grupo de futebol do Sport de Espinho à cidade de Chaves, tivemos o grato prazer de ver descerrarem na sede do clube flaviense a fotografia do sr. Ricardo da Silva, em homenagem aos relevantes serviços por ele prestados àquela colectividade, de que foi fundador e propulsor. Mas, não só foi grato aos espinhenses da caravana verem um seu conterrâneo homenageado por colectividade de terra estranha, como também — e convém notá-lo — sentir que a sua terra — Espinho — foi por ele propagandeada e enaltecida a tal ponto, que conseguiu chamar e captar para a nossa linda Praia a simpatia dos flavienses, normalmente com tendências para veranearem noutras praias do Norte. Daqui felicitamos o amigo Ricardo Silva, apontando-o como exemplo para outros eternos viajantes, e lembrando-o aos desportistas locais para que não procurem outro lema que o adoptado pelo Ricardo Silva — Espinho acima de tudo.

Hoquei em Patins

Campeonato Regional - 1948

Tem decorrido sem entusiasmo nem interesse do público o Campeonato Regional deste ano dado o desnível acentuado que existe entre os habituais três primeiros da classificação e os res-

tantes quatro concorrentes. O Infante e o Académico formam o duo dos fortes seguidos de perto pela Académica que poderá ascender à altura deles se houver sã e sábia orientação na conduta de dirigentes, jogadores e associados simpatizantes com a modalidade. O quarteto seguinte está a distância dos tres citados em especial os estreantes de Paço de Rei e os atletas de Oliveira de Azemeis cuja esperança reside justificadamente nos seus juniores.

A justificação destas palavras está na quantidade e frequência de resultados robustos em números. Note-se que em mais de 50% dos jogos efectuados os totais de bolas marcadas pelos vencedores ultrapassaram a dezena.

A Académica, favorecida pelo sorteio, enfrentou primeiro os adversários mais fracos, cabendo-lhe nas duas últimas jornadas jogar com o Infante, que quasi poderíamos dizer já campeão, e o Académico que por certo alcançará o termo do torneio em 2.º lugar. Assim, bateu sucessivamente os grupos Carvalhos (5-3), Vigorosa (12-1), Escola Livre (3-1) e Paço de Rei (15-1). No jogo com o Infante, privada do concurso de Alberto Alves, teve que recorrer a Carvalhas que, por sinal, se exibiu a contento. Da desorientação que sempre se nota quando a equipa falta um dos elementos habituais resultou um resultado catastrófico (0-8) que não reflecte com justiça, por exagerado, a diferença real entre as duas equipas.

Dos elementos utilizados saliente-se João Gonçalves não só pelas boas exhibições que vem fazendo como também, e sobretudo, pela correcção que vem demonstrando dentro e fora do rink num propósito firme de eliminar os

defeitos que tanto o têm prejudicado na sua carreira desportiva.

Abel está em baixa de forma e Rezende parece por vezes desinteressado e desatento. Alberto, demasiado calmo, e Armando tem sido bastante úteis na defesa. Os restantes eventualmente utilizados demonstram certos recursos com saliência para Cassiano que finalmente regressou à prática do oquei.

* * *

A Ass. Académica foi recentemente distinguida com honrosos convites para inaugurar o Rink da Ass. Desp. Sanjoanense e para participar no festival de homenagem prestada em Braga aos atletas campeões do Mundo. Em S. João da Madeira exibiram-se as equipas de juniores e 1.ª categoria que defrontaram iguais categorias do H. C. dos Carvalhos, batendo os adversários respectivamente por 2-1 e 4-2. Em Braga os juniores da Académica venceram um grupo do A. B. C. de Braga por 3-0. Ambos os convites vem demonstrar a popularidade que a Académica vai conquistando dentro da modalidade e o apreço em que está tido o seu trabalho em prol do oquei em patins.

Basquetebol

(Categoria de Júniores)

A. Académica de Espinho 19

F. Club de Gaia 13

Jogo efectuado no Rink de Patinagem, perante razoável assistência.

A partida, disputada com entusiasmo e correcção por ambas as equipas, teve por assim dizer duas fases bem distintas.

A primeira parte pertenceu inteiramente à Académica, que dominou como quiz o adversário, construindo o excelente resultado de 16-4, mercê das antecipações oportuníssimas da defesa, da velocidade e desmarcações fulgurantes do trio avançado, e mais que tudo isso, da grande facilidade com que a equipa passava da defesa ao ataque e vice-versa.

Já na segunda parte a Académica baixou imenso de rendimento, facto explicável pela quebra física de alguns elementos e da falta de suplentes à altura. E quem mandou então no terreno foi a equipa gaiense, que soube explorar muito bem o desentendimento dos espinhenses. Só assim foi possível a valorosa recuperação do Gaia.

Analisando o comportamento dos jogadores de ambas as equipas, há que destacar na Académica o brilhante trabalho do duo defensivo (António Alberto e Alberto Mário), muito bem secundado no 1.º tempo pelo trio avançado (Sá Couto, João Mário e Narciso).

No Gaia salientaram-se em grande plano Nascimento e Dantas; em plano secundário, Jorge e Joaquim.

A Académica alinhou com a seguinte formação: António Alberto (1), Alberto Mário (4), Sá Couto (4), João Mário (2), Nar-

ciso (8), António Emilio, Fernando e Afonso.

A arbitragem, a cargo do sr. José Horta, foi conscienciosa e imparcial.

Voleibol

Está acabado o campeonato regional e apurado o campeão do ano. Conquistou o título, o Sporting C. de Espinho, finalizando da melhor maneira uma carreira brilhante, pois o grupo só quebrou uma única vez o ritmo embalador e bastante significativo duma série de vitórias indiscutíveis.

Não tenhamos dúvidas acerca do valor dos campeões e dos seus adversários, porque o Sporting encontrou sempre a mais viva resistência, tendo de empenhar-se a fundo para defender uma supremacia que só conquistou mercê do seu valor próprio, da sua técnica.

E nesta luta é justo destacar o Leixões S. C., um conjunto afinado e constituído por bons atletas, que foi o mais forte adversário do campeão, e o Centro Universitário, o único grupo vencedor da equipe espinhense.

Não podemos regatear os nossos louvores ao Sporting de Espinho pela magnífica vitória obtida após um campeonato emocionante que demonstrou e afirmou plenamente o nível técnico da equipe e o valor dos seus atletas.

Desprezo o elogio fácil porque entendo que êle só é prejudicial em virtude da falta de resistência que os indivíduos de hoje opõem ao louvor imerecido, mas seria injusto se esquecesse o comportamento dos jogadores campeões. Todos contribuíam com o melhor dos seus esforços para a vitória, mas devo destacar além do valor de Waldemar Brandão, Umberto Ruano, Teófilo de Sousa, Alberto Alves, Walter Brandão e Joaquim de Sousa, a dedicação de Jorge Moreira — um dos jogadores mais completos do Norte, o espirito de sacrifício de José Bico e o entusiasmo e a alma de Mário Valente.

Saliente-se, também, o trabalho de António Furriel, chefe de secção, sempre dedicado e que sofre quasi tanto como os próprios jogadores.

Está o desporto espinhense de parabéns assim como os dirigentes e atletas do Sporting, mas não esqueçam estes a responsabilidade que ora tomaram sobre os seus ombros e tenham sempre por lema: Mais e Melhor.

J. G.

ANUNCIOS

PREÇARIO

Tombo pag.	Série de 1 núm.	Série de 3 núm.	Série de 6 núm.	Série de 12 núm.
1	250\$00	245\$00	237\$50	225\$00
1/2	125\$00	121\$50	119\$00	111\$50
1/4	62\$50	60\$00	58\$50	56\$00
1/8	35\$00	32\$50	30\$00	27\$50
1/16	30\$00	25\$00	20\$00	20\$00
1/32	15\$00	15\$00	15\$00	15\$00

POR LINHA — 1\$00



Direção de Florentino Goulart Nogueira

Acêrca da Recitação

A arte é obra humana. E, com isto, quero dizer não apenas que é uma obra do homem, mas sim obra do homem todo. O homem é um composto de alma e corpo e, por conseguinte, a arte é um produto da alma e do corpo.

Examinando a alma, notamos-lhe três faculdades, ou potências: emoção, inteligência e vontade. Logo: toda a obra de arte é emotiva, inteligente e voluntária. A pessoa que se comove e chora perante a morte do filho, verte lágrimas e apresenta um jôgo histriônico que são naturais. A pessoa que, num palco por exemplo, se comove e chora perante uma suposta morte dum seu suposto filho, verte lágrimas e apresenta um jôgo histriônico que são obra de arte. Quer dizer: ou instintivo ou emotivo, um acto não chega a ser arte, se não fôr voluntário e inteligente. Não podemos entregar-nos ao tumulto da emoção para gerar uma obra de arte, nem fazer arte sem senti-la. Em resumo: toda a obra de arte é filha da emoção, mostrada pela inteligência, sob o domínio da vontade. Definindo: arte é a expressão da impressão recebida, ordenada em formas pela inteligência sob o impulso da vontade.

A luta entre clássicos e românticos, entre românticos e realistas, entre realistas e idealistas, entre parnasianos e simbolistas, entre arte pela arte e arte para um fim externo (sociedade, moral, indivíduo, Deus, etc.), essa luta, afinal, origina-se no esquecimento duma essencial verdade: a natureza da Arte. Se atentassem e vissem que a Arte é um produto da alma inteira e do homem inteiro, a discussão apagar-se-ia. Mas a ignorância desta verdade conduz-nos a tamanha disputa e a tanta confusão como vemos por aí todos os dias! E assim, já não é para admirar a inconsciência dos aplausos, das famas, das glórias, o domínio dos medíocres e o triunfo dos aldrabões. Enquanto o público permanecer ignorante e papalvo, sempre os "habilitados" lhe hão-de "comer as papas na careca"... Enquanto o público restar num "snobismo" satisfeito e preguiçoso ou numa inferioridade instintiva, sempre a Arte lhe há-de ser vedada e lhe hão-de ser fornecidos "gato por lebre", latão brilha-te por ouro de lei. Se, por exemplo, o público continuar a aplaudir um recitador de poesias só pelo barulho que êle faz, pelas lágrimas que chora, pelas caretas que compõe, ou pelo "crescendo" instintivo que êsses recursos de aldrabão nêle, público, determi-

nam, então, a Arte continuará á mercê dos assaltantes, dos «barbeiros», dos mentirosos. Que, bastas vezes, acontece o público não perceber nada do que o recitador pronuncia, mas entusiasmar-se unicamente pelo tom como pronuncia. Pode o recitador dizer versos elegíacos de Pascoais, dramas fagosos de Régio, pomposas sonoridades de Junqueiro, confianças pagãs de Torga, infantilidades enternecidas de Nobre, coloridos aristocratismos bailados de Homem d. Melo, filosofismos preguntadores de Antero, líricos comedimentos de Camões, épicos arrebatamentos de Kipling, descrições apoéticas de Castilho, históriazinhas de Catulo ou de Jorge de Lima, enfim, seja o que fôr — se o recitador gritar e chorar e contorcer as feições e fiser voz cava e baixar de repente o tom de voz para o levantar rápido ou fôr crescendo ou decrescendo, etc., etc., então o público fica, animalmente, pregado à cadeira, sem pensar, tomando aquele banho de sons, sofrendo a carga eléctrica daquela sucessão de magnetismos vocais... Porque — valha-nos Nossa Senhora das Confusões! — não é que seja reprovável o uso daqueles processos, linguagem da alma. Mas reprovável sim que se usem ao acaso, sem escôlha, tanto para isto que é preto como podia ser para aquilo que é branco. Porque, afinal, condenável é a separação entre os processos de exteriorização e aquilo que queremos exteriorizar, entre a representação e o representado. Não é que sejam condenáveis as lágrimas como processo artístico, mas resta saber se ali, em tal ponto, se deve chorar. Enquanto o público se limitar a um papel passivo, sem procurar identificar-se com a obra de Arte (e a obra de Arte, neste caso, é o poema e a interpretação dêsse poema), enquanto o público não mexer a inteligência para entender essa obra e ver a sua tradução perfeita e, nessa visão, comungá-la, enquanto o público se limitar a ser o animal que ouve a música e se inebria com ela (aos animais também a música encanta os instintos), enquanto o público não fôr constituído por gente mais ou menos cultivada mas, indispensavelmente, pessoas humanas, e como tais, com uma inteligência actuante, — tanto o público como a Arte serão prêsas de mistificadores e as deformações continuarão a campear, mundo além. Desorientada e triste época, a nossa!

Florentino G. Nogueira

Poesia

História da Velha Casa

(I N É D I T O)

O seu olhar nos seguia
Através da noite escura
Como o Sol que se procura
Até quando a noite é fria.
Era alguém a nossa casa!
Era a varanda, a janela
Que se abria, em geito de asa,
Sem que chamassem por ela!
Casa! Pai, irmão, amigo...
Sua alma foi para Deus.
Sua vida para el-Rei!
E nós éramos tão seus
(Casa! pai, irmão, amigo...)
Que, às vezes, até nem sei
Se a morte nos traz consigo.

História da velha casa!
Fé, caridade, esperança.
Flor e aroma, brisa de aza,
Do meu sonho de creança!
Havia um braço à entrada...
Logo, um torreão direito...
Mas a torre está quebrada
E o meu sonho está desfeito
Como a foz daquele rio
Que trago no coração!

Ai! Pombal! pombal vazio
Onde as pombas já não vão!

Pedro Homem de Mello

SOLCRIS

...é um store

ARMAZEM DE MERCEARIASCereais — Toucinho
Gorduras — Sabões**Aires & Magalhães, L.da**605 — RUA 22 — 609
Em frente aos novos Paços do Concelho)Telefone 342
ESPINHO**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM
ESPELHAÇÃO
FOSCAGEM
Gravura artística
em vidroCRISTAL
EM CHAPAVidro impresso
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO**DUARTE & C.ª**

— Armazenistas de Mercaria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECCÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Mercearia Porto **ESPINHO**

Praia do Rei, 104 - Tel 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanove - Telef. 16

SABOARIA ATLANTICARua 26 — **ESPINHO****Cadinha & Couto**Armazenistas de Mercaria
Azeite, Cereais, etc.RUA DEZOITO
Telefone, 52
ESPINHO**CASA SOUSA**
PAPELARIA E LIVRARIA

— J. Moreira de Sousa Júnior —

Telefone, 99

Rua 19 N.º 215 — **ESPINHO**Carteiras, Porta-mo-
das, Pastas, rodute-
de perfumaria — La Toja
— Joana, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

SOL D'OIRO

PEGADO AO TEATRO S. PEDRO

RUA OITO

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Pódega RegionalARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVASTELEFONE N.º 37
APARTADO 37**União Comercial de Espinho, L.ª**
ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFAÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
UNIÃORua 19 — 409 a 421
ESPINHO**PADARIA PROGRESSO**

DE

Manuel Maria Valente**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS**Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

SILVALDE**PADARIA MECANICA****A PÉROLA DE ESPINHO**

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo,
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO**FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.ª
ADUBOS «S. A. P. E. C.»Tele fone, 21
Telegramas: PADINHA;
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833 **ESPINHO****Tipografia Progresso**Execução de trabalhos tipográficos
em todos os géneros

RUAS 11 E 20

ESPINHO

SE BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

SE BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

Toiros e Toiradas

Secção dirigida por PAQUITO

A Récita do ORFEÃO DO PORTO

O Orfeão do Porto, em jornada de bem fazer, veio a Espinho realizar um sarau de arte em benefício da Ass. Hum. dos Bombeiros Voluntários Espinhenses no passado dia 22. Apreciação cultural apreciada e conhecida em todo o País, o Orfeão do Porto atraiu farta concorrência ao Teatro S. Pedro.

Antes de se iniciar o espectáculo, fez a apresentação do agrupamento e, simultaneamente, o agradecimento dos Bombeiros Espinhenses ao senhor Dr. Amadeu Morais que, em breves palavras, historiou a acção benemérita e cultural do Orfeão do Porto. Agradeceu-lhe o Presidente da Direcção daquele organismo sendo postas fitas comemorativas do acto nos estandartes de ambas as colectividades.

Sobre a regência sóbria do «maestro» Filinto Nina cantou então o Corpo Coral do Orfeão do Porto que angariou aplausos entusiásticos da assistência.

Seguiu-se-lhe o Corpo Cénico com uma comédia — «Guardado está o bocado» — da autoria de Athside Perry um acto simples e alegre, em cujo desempenho se salientaram o autor, António José da Silva e D. Laura Perry.

Um Fim de Festa bem ideado em que colaboraram elementos do Orfeão assinalou o remate deste espectáculo em boa hora organizado pela activa Direcção dos Espinhenses.

Por certo que a maior parte do exíguo número dos nossos leitores já tem conhecimento do dia em que se efectuará em Espinho a 1.ª da época, e também qual o seu cartaz «mais ou menos definitivo».

E, desde já, só temos a pedir-lhes desculpa de não os termos informado nesta devida secção, mas como bem compreenderão, a «idade» e a «projectão jornalística» do Boletim, ainda não deve ter merecido a importância que reveste uma simples e devida informação a tal respeito. Paciência! Assim, soubemo-lo também, lançando mão de colegas nossos, mais felizes e também mais bem situados «tauramàquicamente» falando.

Pela análise rápida mas bastante elucidativa, do referido cartaz, entendemos que só tem que lamentar-se o «bom aficionado». Lamentar-se e possivelmente revoltar-se ao verificar a pouca consideração e o critério mais ou menos «obtusos» que presidiu à confecção do mesmo.

Quando à nossa maneira de ver touradas — e isto já o dissemos anteriormente — apreciamos bastante o toureiro a cavalo — arte retintamente português e que ninguém ainda, apesar de todos os atropelos, conseguiu imitar — mas admiramos mais e sentimos também doutra maneira o toureiro à espanhola, sucintamente expresso na «verdadeira arte de tourear».

Deste modo, não alcançamos

muito bem, porque actuarão 3 figuras do toureiro equestre e uma apenas, que nem sequer ainda se sabe quem é, no toureiro a pé. E dizemos nós alcançar bem, porquanto se verifica no nosso próprio país e duma maneira assaz elucidativa que a «aficion», apesar de não dispensar os nobilíssimos cavaleiros, dedica maior atenção e entusiasmo ao trabalho dos matadores. Se bem que uma das razões a apontar seja a de que no Norte, o público tanto aprecia cavaleiros como matadores, como forcados, como «monosábios», não é de desprezar também o facto de entre «tantos aficionados» haver «alguns não entendidos» que devem merecer um pouquinho de consideração e atenção, a não ser que se organizem as corridas com outra intenção, que não seja a de proporcionar ao público um espectáculo e a de propagandear a «Festa dos Touros»...

Devemos atender que uns vão aos touros mesmo com chuva, e outros só lá vão se não houver pó... E estamos absolutamente convencidos que esses que vão à praça, chova ou faça sol, — os «não entendidos» — apesar de não menospersarem a «Arte de Marialva» também preferem bastante mais o «toreo de verdade», verdade é, que se fossem aos touros só estes, teriam as mais das vezes «casas vazias», mas por outro lado, isto tem poucas possibilidades de suceder, uma vez que «des-

Continua na pág. 2

Homenagem Póstuma

Integrada no Programa das Comemorações do X Aniversário da A. A. E.

Vai ser cumprida uma dívida de gratidão que a A. Académica tem em aberto para com os seus antigos elementos já falecidos Lino Duarte da Luz e Manuel Rosado. No próximo dia 1 de Agosto será levada a efeito uma romagem ao cemitério a que não deve faltar nenhum dos bons amigos da A. Académica.

Lino Duarte da Luz, sócio fundador do club, foi, de entre aqueles que mais lutaram pelo desenvolvimento do club, um dos mais incansáveis e denodados batalhadores. Trabalhou pelo club como dirigente, defendeu as suas cores como atleta, tornando-se, pela sua admirável actividade, um exemplo de dedicação e amor clubista que jamais deve ser esquecido.

A quando da homenagem a Lino Duarte da Luz, será entregue à sua família a medalha «Dedicação», que lhe tinha sido conferida antes do seu falecimento.

Manuel Rosado foi, dos atletas que tem vestido a camisola negra da Académica, um dos mais esforçados. Pertenceu a uma época em que a Académica possuía uma magnífica equipa de voleibol, salientando-se como um dos seus melhores e mais correctos praticantes.

A ambos será pois prestada a homenagem que mereceram em absoluto pelas suas qualidades.

FOLHETIM MENSAL

por: José Corte-Real (PEPE)

QUE ISTO DE SER-SE INTELLECTUAL...

Pode ser apenas uma atitude. Porque o homem que tem cabelo comprido e cara de pensador, um olhar profundo e uma palavra audaz pode limitar bem o pensador. O homem que lê pode ser um bom leitor mas não será positivamente, um intelectual pela mesma razão de que o homem que toca piano não será, forçosamente, um genial pianista. Convençamo-nos disto e saibamos separar o trigo do joio, eliminando assim o sabichorro e intelectual falhado.

O homem que defende o princípio da ciência fechada, coloca-se no centro dum mundo em que se refugiou pela sua incompetência. O homem que diz «eu sou um génio» e portanto, um incompreendido, utiliza assim um processo de fuga à crítica.

Convençamo-nos disto e observemos. Desconfiemos dos que vão contra a corrente do século, processo interessante mas usual de sobressair da vulgaridade. Tal processo hoje é banal. O pseudo intelectual, de cerebrozinho obtuso, procura o sensacional.

Suponhamos, por um momento, o leitor disposto a conseguir que o seu nome seja discutido, falado e apreciado. Principiemos por escolher um assunto: por exemplo, a obra de Fernando Pessoa. O leitor não conhece a obra de Fernando Pessoa? O'ptimo, esplêndido, magnífico! Arranjemos um título sensacional para o seu artigo, leitor. Por exemplo: Fernando Pessoa, o falso poeta. Meu caro senhor, este título, tem gar-

ra, tem personalidade, tem rajadas de génio. O que o leitor tem a fazer é desancar no Fernando Pessoa. Desanque sem dó nem piedade. Escolha duas ou três poesias, das piores é claro, e introduza-lhe o seu veneno. E depois envie o seu artigo para um jornal de intelectuais falhados. O seu artigo virá, não duvide, na 1.ª folha, o tipo manual, gritante de vitalidade.

Desde esse dia o senhor é um homem célebre. Deixará crescer o cabelo, usará o fato em certo desalinho e dir-se-á um incompreendido. Os críticos acuse-os de burgueses.

E' contra isto que tu deves lutar. Porque como te disse, isto de ser-se intelectual pode ser apenas uma atitude.

Mas que atitude!

